

Catarina Portas

A empresária que sai dos «padrões normais» da sociedade

Sou uma pirata

ESTOU AO LADO da norma. Totalmente fora do sistema e dos padrões ditos «normais» da nossa sociedade. Não fui baptizada, sou filha de pais divorciados, nos esquiteiros era a única miúda que não rezava. Cresci assim. Nunca casei, nem tive filhos. Desde cedo aprendi que o facto de ser diferente da maioria das pessoas podia ser uma vantagem. Dava-me outras perspectivas da vida. Tornava-me mais rica. Sempre prezei a minha independência e liberdade. Nunca me passou pela cabeça estar nos quadros de uma empresa. Tenho horror a isso, até. Nunca ambicionei a «vidinha» do emprego, casa, carro, marido e filhos. Sou livre e independente. Estou-me nas tintas para os papéis profissionais ou sociais



que era suposto eu cumprir. Gosto de estar aos comandos da minha vida. De partir à conquista das coisas que me interessam. Não tenho jeito nenhum para ser mandada, mas tive de aprender a mandar. Agora sou empresária (parece que se chama assim, não é?). Sou destemida. Deixo sempre espaço para a vida me surpreender. Gosto de estar reunida com amigos, mas não sobrevivo sem a minha solidão, introspecção, silêncio. Também sou emotiva e de paixões arrebatadas. Há dias em que acordo virada ao contrário e revelo mau feitio. A minha felicidade depende dos estados de alma do meu coração. Gosto de estar enamorada. Desconfio que cada vez tenho mais jeito para ser feliz.

Quero ser uma andorinha

SER CAPA da revista «Exame?» Não, não quero, apesar de estar entusiasmada com esta minha actividade de empresária — a coisa mais divertida que fiz em toda a minha vida. Agora que começo a perceber que posso fazer os meus projectos acontecerem, isto começa a tornar-se perigoso e excitante. Gostaria muito que estes meus negócios continuassem a correr bem. E que a minha existência tivesse utilidade para os outros. Actualmente acho que sou útil para algumas



fábricas nacionais antigas ao vender produtos que estavam fora do mercado. Quero contribuir para que os portugueses voltem a dar valor aos produtos nacionais. Gostaria de ser uma andorinha. O ano inteiro. Escolhi-a como símbolo da minha loja, não só por ser uma peça decorativa tradicional presente numa certa década nas casas dos portugueses, mas por ser uma ave valente. Tem uma alegria incrível. Representa a liberdade. Gostaria de ser tão livre como uma andorinha.

Pareço ser indiana

ARROGANTE. Armada em esperta. Pespinete. Quando comecei a aparecer na televisão, no programa «Raios e Coriscos», as pessoas achavam-me emproada. Mas na verdade eu era doentamente tímida. As pessoas vêem o que está na cabeça delas e não o que está à sua frente. Isso tornou-se muito claro nos anos em que fiz TV. Quando fui júri do concurso «A Visita da Cornélia», na RTP, chegaram a dizer-me que se o Hitler tivesse lugar no céu, eu estaria no inferno. Apenas



porque dei zero a um concorrente. Nessa altura achavam-me a má, implacável. Não me preocupo com isso. Ainda sou tratada como a irmã do Paulo e do Miguel. Sou a Irmã. A Irmã da Caridade. Ainda bem que eles são dois. Dá-me latitude. Há quem ache que sou indiana, por ter publicado um livro sobre Goa, com a fotografia Inês Gonçalves. Há tanta gente que acha que eu sou inconstante. É falso. Até tenho sido muito constante nas opções que tenho tomado na vida. ■ BERNARDO MENDONÇA



Diego Maradona

Sobre o novo cargo de seleccionador da Argentina: «Fico muito feliz por os meus pais ainda me poderem ver como treinador da equipa nacional. Mas não quero chorar. A selecção precisa de quem faça as pessoas sorrir, não chorar» (2008)

Sobre o futebol: «Pressão é o que sofrem as pessoas que acordam às 5h da manhã para trabalhar e ganhar 10 pesos. Não é o nosso caso, que andamos de BMW ou de Mercedes» (1996)

Sobre a vida: «Se não fosse futebolista, gostaria de ter sido contabilista»
«As pessoas têm de entender que Maradona não é uma máquina de dar felicidade» (1982)

Sobre Deus: «É evidente que tenho linha directa com o 'Barbas'» (1997)
«Não morri no acidente porque o 'Barbas' não queria que eu fosse armar confusão lá em cima» (2000)

Sobre Pelé, com quem tem uma relação de amor-ódio: «Aquele crioulo é muito feio. Eu não sou tão feio como ele»
«Pelé é homossexual» (1987)

Sobre a homossexualidade: «Não tenho nada contra os homossexuais. Até é bom que existam, porque assim, deixam mais mulheres livres para nós, machos de verdade» (2004)

Sobre os tratamentos de desintoxicação de drogas: «Lá na clínica, há um tipo que diz que é Napoleão e outro que pensa que é São Martinho. Quando digo que sou Maradona, eles não acreditam» (2004)

Sobre a família: «As minhas filhas legítimas são Dalma e Gianina (da ex-mulher, Cláudia Villafañe). Os outros são filhos do dinheiro ou do equívoco».
KATYA DELIMBEUF